

A Audaciosa Viagem Temporal sobre Perfis da Fauna Brasileira ao Longo dos Séculos

An Audacious Chronological Journey On Brazilian Fauna Profiles Over the Centuries

Resenha escrita por Zélia da Paz Pereira*

*Professora Substituta, Centro de Desenvolvimento Sustentável,
Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil
E-mail: pereirazp@unb.br

doi:10.18472/SustDeb.v6n3.2015.16705

RESENHA

Lorelai Kuri (org.) Representações da fauna do Brasil séculos XVI – XX. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2014. Contém ilustrações. 284 p. ISBN 9788588742642.

A primeira impressão que este livro provoca é de inspiração e alento. É uma obra atual que trata de um passado importante que pertence à história brasileira: a relação dos humanos com a fauna nativa do Brasil. Além de provocar simpatia popular, essa fauna tem um papel importante, não só do ponto de vista ecológico, mas também humano, social, cultural e econômico. A obra reúne textos de autoria de Felipe F. V. Velden, Bruno M. B. Leite, Lorelai Kury, Magali Romero de Sá e José Luiz de Andrade Franco, pesquisadores importantes das áreas de história, história ambiental, antropologia, ciências naturais e biológicas. As 284 páginas são redigidas em português de leitura muito agradável e informativa. Além de dados, documentos e conhecimentos examinados precisamente, bem organizados e bem escritos, a inspiração e o alento vêm das ricas e numerosas imagens que integram a obra. Trata-se de uma viagem pelo passado e que permite um entendimento das muitas relações existentes entre os humanos residentes no Brasil e a fauna nativa do território brasileiro, relações essas que existem até hoje.

O prefácio de Pedro H. Mariani discorre sobre as intenções dos autores: aproximar o leitor daquilo que viam os viajantes, naturalistas e ilustradores dos séculos XVI ao XX. Enfrentam ainda o desafio de representar e descrever, o mais realisticamente possível, a fauna brasileira, então América Portuguesa, conforme eles foram apreciados há muito tempo atrás. Os textos estão di-

vididos em sete temáticas: a primeira, que introduz a obra, é escrita por Lorelai Kury, se intitula “Animais e história”. Os demais textos são *Multiplicam-se muito nestas terras - Os animais domésticos europeus na América Portuguesa séculos XVI XVIII*, de Felipe Velden; *Animalia, exotica & mirabilia - os animais brasileiros na cultura europeia da época moderna de Thevet a Redi*, de Bruno Leite; *Gaviões ardilosos, aves curiosas*, O manuscrito de Lourenço de Potfliz (1752), de Lorelai Kury; *Coleções zoológicas brasileiras em museus de história natural europeus e norte-americanos*, de Magali Romero de Sá; *As mil vozes da natureza*, de Lorelai Kury; e *Representações da Panthera onca no imaginário do Brasil: Colônia e Império, séculos XVI–XX*, de José Luiz de Andrade Franco.

O texto introdutório de Kury oferece uma leitura magnífica sobre a nossa relação com os diferentes animais, não só os selvagens, mas também os domesticados e até as pragas. Essa relação pode variar desde o deleite, o uso para tarefas, o consumo e até práticas religiosas. Kury faz menção aos demais textos do volume, dando ao leitor uma prévia do que encontrará em cada um deles.

Velden escreve sobre as primeiras introduções de animais de espécies exóticas no território brasileiro. Muito provavelmente eles eram objeto de troca com os indígenas por animais nativos, como macacos e papagaios. Cita a Carta de Pero Vaz de Caminha, que faz menção ao fato de que os indígenas não tinham nem criavam bois ou vacas, ovelhas ou galinhas. Esta ausência de animais domesticados fortalece ainda mais a ideia dos europeus de que os indígenas eram homens incivilizados e sem organização política, avaliações importantes para entender os episódios de conquista que se seguem. Velden escreve também sobre a importância das espécies oriundas da América para a Europa a partir do século XVI - aves como a arara canindé viraram mascotes adotados por membros da elite europeia. Por outro lado, é interessante notar que os indígenas também adotaram alguns animais, em especial os cães, aceitos muito rapidamente e que, segundo o autor, eram tratados como crianças ou até mesmo como filhos. A viagem cultural do texto de Velden prossegue até o século XVII, em que muitos animais domésticos trazidos pelos portugueses já estavam bem aclimatados à colônia, inclusive animais de grande porte. Os holandeses deram prosseguimento a esse processo enquanto ocuparam o nordeste do Brasil. Dentre os holandeses, os seus artistas e naturalistas foram de grande importância para o registro da fauna natural e exótica da América portuguesa. Velden dedica páginas específicas à relação próxima que ocorreu entre o cão e o indígena e ao desenvolvimento da pecuária no Brasil.

Leite apresenta um texto maravilhoso, cobrindo desde a época em que animais desconhecidos dos europeus eram imaginados como dragões, unicórnios e outras criaturas fantásticas. Ao se depararem com a diversidade da fauna americana, o seu imaginário e a sua curiosidade se reacenderam. Mesmo os naturalistas registraram as imagens de diversos animais dotados de ares fantásticos. Bibliotecas, gabinetes, mosteiros e outros locais na Europa eram ornamentados de gravuras, pinturas, imagens, animais empalhados, pranchas e animais curiosos oriundos do Novo Mundo. Eles eram objeto não só de curiosidade e ostentação da elite, como também fonte de estudos científicos, mesmo que à distância (ouvir-dizer). Portanto, numerosas expedições de naturalistas vieram ao Brasil com o objetivo de registrar esses animais a partir da observação direta, partindo – mas buscando superar - os relatos “ouvir-dizer”. Este processo esteve intimamente ligado às questões culturais, por conta das antigas credences e do ouvir-dizer, que atribuíam características bizarras e monstruosas a estes animais. O texto de Leite e as ilustrações que o acompanham deixam perceber que a origem dessas atribuições é muitas vezes religiosa; esse traço só vai se desfazer com o tempo e com o investimento em expedições naturalistas e empíricas às Américas.

A região amazônica ganha destaque no segundo texto assinado por Kury, ilustrado por admiráveis imagens de aves. Trata-se de uma rica apreciação de Lourenço Álvarez Roxo de Potfliz,

chante da catedral de Belém do Pará. Potfliz nasceu no Brasil, escreveu textos, descreveu espécies, e desenhou pranchas e ilustrações que deram grande contribuição para o conhecimento da fauna amazônica brasileira. Em relação às aves, ele enviou um manuscrito ao naturalista francês Charles-Marie de La Condamine, arquivado no Museu de História Natural de Paris, onde foi consultado por estudiosos de todo o mundo. A sua descrição do gavião real talvez tenha sido uma das suas maiores proezas; ela gerou grande curiosidade entre outros estudiosos. Eles consultavam o manuscrito de Potfliz e, conforme conheciam a ave no Brasil, melhoravam o texto que, em sua origem, continha manifestações de misticismo. Alguns acreditam que Potfliz tenha tido a ajuda de indígenas para descrever a espécie, já que propriedades medicinais são atribuídas a ela. Potfliz tentou também classificar as aves, não taxonomicamente, mas com base nas suas semelhanças. Isso fica claro nas ricas ilustrações que acompanham o texto de Kury, nos quais aparecem periquitos, gaviões, araras, urubus, beija-flores, guarás e outras aves, compondo uma memória importante para o campo da zoologia.

Por falar em memória zoológica, o capítulo de Sá focaliza esta importante forma de registros e estudos relativos à fauna. A autora argumenta que este tipo de atividade, apesar de antiga, passa a ser uma política de estado apenas no século XIX, quando a atividade de inventariamento ganha um espaço próprio, o museu de história natural. Coleções particulares e de casas reais passaram a ser catalogadas e organizadas nesse tipo de museu. O famoso naturalista francês Buffon deu grande contribuição a essa organização, além de ter escrito a sua grande obra de história natural, em 36 volumes, *Histoire naturelle, générale et particulière, avec La description du Cabinet du Roy*. Sá recorre à história, às guerras napoleônicas, à transferência da corte portuguesa para o Brasil e a outros fatos que influenciaram os museus e as coleções de história natural. A autora registra uma importante visita que o Brasil recebeu em 1816, do botânico francês Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire, que ficou no país até 1822 e fez várias longas excursões pelo território brasileiro. Os seus registros e espécimes somaram cerca de 7.000 espécies de plantas, 2.005 peles de aves, 16.000 insetos, 129 mamíferos, 35 répteis e 58 peixes. A contribuição da arquiduchessa da Áustria e imperatriz do Brasil, Leopoldina, esposa de Dom Pedro I, também é registrada. Afeiçoada à história natural, quando viajou para o Brasil, em 1817, trouxe uma comitiva de naturalistas austríacos e alemães que fariam um dos maiores inventários naturais do Brasil. Sá fornece ainda detalhes sobre a história dos museus e da evolução de sua organização.

Kury escreveu também o capítulo “As mil vozes da natureza”, que começa com a descrição de Alexander von Humboldt sobre a agitação dos animais em noites de lua cheia. Humboldt se ateve aos sons da natureza. A sua obra é considerada um divisor de águas para a literatura de viagens, pois as suas descrições da natureza englobam inferências das áreas das artes e das ciências exatas. A interpretação naturalista humboldtiana engloba arte e ciência, como os sons dos pássaros descritos juntamente com a sua identificação em textos e desenhos. Nessa perspectiva, Hercule Florence, naturalista e desenhista francês radicado no Brasil, tentou criar um método para descrever as vozes animais, ao qual ele deu o nome de zoofonia. Humboldt descreve o som da ave anhumapoca como o badalar de um sino e o transcreve com notações zoofônicas. Outro fato interessante registrado nesse capítulo é a “Polêmica do Novo Mundo”, na qual se discutia se as aves do Novo Mundo, apesar da beleza, tinham ou não tinham bom canto. Vários foram os pesquisadores que tentaram desmistificar a ideia de que os cantos das aves do Novo Mundo eram ruins, inclusive o inglês Alfred Wallace, coadjuvante de Darwin na formulação da teoria da evolução pela seleção natural.

Por fim, Franco escreveu sobre a onça pintada, o maior felino brasileiro, hoje ameaçada e pouco avistada, apesar de a sua distribuição permear todos os biomas brasileiros e quase toda a América do Sul e Central e parte da América do Norte. No passado mais remoto ela foi venerada pelos indígenas. No século XVI passou a ser registrada nos escritos das expedições naturalistas.

No entanto, a sua representação em desenho era quase sempre assemelhada à do leão africano, uma tentativa de facilitar para os europeus o entendimento da descrição do animal. Todavia, esses registros foram sendo aprimorados. Franco argumenta que a onça é muito representativa para os indígenas. Há registros dela nas pinturas rupestres, nas festas, nos artefatos, nas pinturas, nos rituais, entre outros. Franco traça um panorama histórico, filosófico e científico em torno da *Panthera onca*, com base em um referencial bibliográfico riquíssimo e repleto de detalhes histórico-culturais. Descreve as “viagens filosóficas”, nome dado às primeiras expedições de naturalistas durante o período colonial. A onça pintada, para o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira (século XVIII), era uma fera daninha, prejudicial e atrevida, que causava riscos ao gado e às pessoas. Os desenhos de Ferreira são mais fiéis e acurados; o texto permite entender que, com as viagens de naturalistas como as de Spix e Martius e de Langsdorff, novas informações sobre a biologia da onça foram se agregando. Essas informações são hoje resgatadas para estudos e projetos de conservação da onça pintada, agora ameaçada de extinção.

Representações da fauna do Brasil séculos XVI – XX é uma obra de grande valia e que deve ser elogiada pela riqueza de informações que compartilha em cada um de seus capítulos temáticos. Mergulhamos no universo das expedições e dos naturalistas, em diversos detalhes, a cultura, os misticismos, crenças – tudo isso ajudando a compor registros de uma fauna exuberante que mereceu páginas e páginas que fazem parte da nossa história. Recomenda-se a leitura dessa obra admirável obra que, como dito no princípio, traz inspiração e alento, um passeio pelo passado e presente, cheio de entusiasmo poético, audácia, coragem e ânimo.